

Uma Escola, um Projecto e um Patrono o Dr. António Augusto Louro¹²

Alfredo Tinoco

Identidade e cidadania

Nesta mesma sala onde hoje nos encontramos, e após uma discussão viva e empenhada como sempre são, e ainda bem, as discussões na nossa escola, tomámos há dois anos decisões que me parecem de grande importância: tratou-se, então, de aprovar o Projecto Educativo da Escola. Lembro que houve nesse acto algum pioneirismo e, portanto, algum risco. Mal se falava ainda na necessidade de as escolas definirem o seu projecto próprio, desdobramento e adaptação às condições de cada uma, como tem de ser, do Projecto Educativo Nacional, que está genericamente definido na Constituição da República e, mais claramente explícito, na lei n.º 46/86, comumente conhecida como Lei de Bases do Sistema Educativo.

Vale a pena recordar aqui dois princípios gerais da Lei de Bases que nos rege. No n.º 4, afirma-se o seguinte:

"4 - O sistema educativo responde às necessidades da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos

¹² Palavras pronunciadas pelo Professor Alfredo Tinoco em 24 de Junho de 1994, por ocasião da inauguração do novo nome da Escola Preparatória do Vale da Romeira 1 - Seixal.

livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho",

E o ponto seguinte estipula que:

"5 - A educação promove o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva".

Tais princípios, logo se deixava entrever, implicavam uma mudança radical do sistema educativo que há décadas vigorava no nosso país.

Aquilo que, desde logo, se chamou a "Reforma", com o seu longo percurso de altos e baixos que todos conhecemos, é afinal o instrumento que há-de servir para mudar a escola portuguesa. E, sabemos-lo todos hoje, a reforma faz-se em cada Escola. Mais do que nos gabinetes ministeriais ou nos textos legislativos, é nas escolas que a mudança se fará.

Tais mudanças, sabemos-lo também todos, não são possíveis sem mudar igualmente o processo educativo, nem sem interiorizar os valores que este tem de veicular, já que não há educação sem valores.

A tarefa que se nos impôs, de mudar a escola e a vida, só tem sido possível mediante a adopção de projectos de trabalho interdisciplinares que implicam, a um tempo, alunos e professores, ou seja, a turma, órgãos de gestão, pais e auxiliares de acção educativa, que o mesmo é dizer, a Escola. Tudo isto num processo contínuo e interactivo com a Comunidade envolvente e num espírito de abertura, progressivamente mais amplo, ao país, à Europa, ao mundo todo.

Deste modo, trata-se de (re)vitalizar a escola, nesse sentido em que a escola não pode ser mais um tempo e um lugar de "preparação" para a vida, mas tem de ser o lugar e o tempo de vivência de uma vida plena, na sua totalidade e na diversidade que ela tem.

Trata-se, então, de trazer à sala de aula as matérias da rua e de prolongar a aula lá para fora. Não faz sentido separar a área curricular das áreas não curriculares, já que a vida é só uma.

Assim sendo, o Projecto Educativo que o Conselho Pedagógico da nossa escola adoptou e que a reunião plenária nesta mesma sala realizada sancionou, consubstancia-se em três conceitos: Identidade, Cidadania, Nacionalidade.

Tal trilogia, considerámo-la então:

Capaz de unificar saberes teóricos e práticos em múltiplas áreas, de desenvolver o espírito de iniciativa, de suscitar o desenvolvimento de actividades nos mais variados sectores, de favorecer o sentido de autonomia, de aglutinar a capacidade de trabalho de mestres e de alunos, pondo à prova a imaginação e a criatividade e de contribuir decisivamente para um reforço identitário e para a assunção dos valores da cidadania, sem o que não há grupo social que possa garantir a construção de um futuro sólido.

Por outro lado, os valores da solidariedade e da democraticidade que subjazem à ideia, mesma das sociedades humanas, devem manifestar-se na escola, como organismo social que é, em todos os momentos e em todos os locais.

Tem sido isto que temos procurado cumprir. Com hesitações e também com erros que decorrem do "risco" de que falámos há pouco. Mas com vontade de emendar os erros, de melhorar e de seguir em frente.

Um cidadão como patrono

Como dizia o poeta Eduardo Guerra Carneiro, que começou a sua vida profissional como professor, "ISTO ANDA TUDO LIGADO".

Como isto anda tudo ligado, não foi por acaso nem por simples coincidência que nesta mesma sala uma Assembleia Plenária da Escola decidiu, uma vez mais, após discussão acalorada, adoptar para patrono da escola o nome e a figura do Dr. António Augusto Louro. E a discussão foi dessa vez tanto mais longa e acalorada quanto não se tratava de adoptar uma figura conhecida, nem o exemplo de nenhum herói, nem tão pouco de um personagem histórico consagrado pelo tempo.

A fundamentação dessa escolha está nos valores mesmos que perpassam a vida do nosso patrono que foi no seu tempo um cidadão empenhado em mudar o mundo e um verdadeiro militante da acção cívica. Sobre isso foi um paladino da intervenção cultural e, sobretudo, pedagógica, já que, como diversas vezes afirmou e como a sua permanente acção demonstrou, sem educação e sem cultura, não poderia haver homens livres, nem nações dignas desse nome.

O Dr. António Augusto Louro, foi um seixalense ilustre, se não pelo nascimento, ao menos por adopção e pela acção emérita que no concelho exerceu durante a sua permanência.

A par de outros homens e mulheres que com ele colaboraram, o Dr. Louro desenvolveu no Seixal uma acção cultural, pedagógica, profissional e política, que muito ajudou a mudar a face da terra que o acolheu. Os primeiros sinais de modernidade a ele se ficaram a dever: a imprensa, a educação de adultos, as associações mutualistas, a propaganda das ideias

republicanas. Tudo isto, a par da grande preocupação de uma vida: o incremento da instrução para todos sem a qual não haveria sociedade que pudesse frutificar.

Bem podemos dizer que da sua passagem, o Seixal, entrou definitivamente no século XX.

António Augusto Louro nasceu em 1871, no Sabugal, de uma família numerosa de pequenos lavradores. Tendo ficado órfão ainda criança, cedo começou a trabalhar como praticante de farmácia. Em breve vai para o Porto onde continuou a trabalhar no mesmo ofício e a estudar.

Feitos os preparatórios, ingressou na escola Médico-Cirúrgica de Lisboa onde se diplomou em Ciências Farmacêuticas em 1891.

No ano seguinte abre a sua primeira farmácia no nosso concelho, mais exactamente, na Amora. É também o ano do seu casamento.

Em 1893, tendo adquirido uma farmácia em Barrancos, ali se instala e inicia ao mesmo tempo uma carreira de lugares político-administrativos.

Na vila raiana foi António Augusto Louro escrivão da Junta de Freguesia.

Em 1897, de regresso ao concelho do Seixal, abre uma farmácia na Arrentela e funda um laboratório de produtos farmacêuticos de parceria com um sócio, a sociedade "Louro & Gonçalves".

No ano seguinte compra na vila uma outra farmácia, sita no Largo da Igreja e instala nas traseiras um laboratório farmacêutico¹³

Esta farmácia foi, como então era uso, uma importante tertúlia literária e política no Seixal.

¹³ O estabelecimento, após várias remodelações, existe ainda hoje, embora, sem vestígios que atestem a passagem do Dr. António Augusto Louro. É a farmácia "Godinho", Lg. da Igreja, no Seixal.

Dez anos de profissão, uma consciência cívica apurada e o gosto das actividades literárias, levam-no a apresentar em 1901 em Sessão Magna da Associação de Farmacêuticos um trabalho sobre a Reforma do Ensino de Farmácia em Portugal, pondo-o ao nível das exigências do mundo contemporâneo. Tal trabalho acompanha e serve de introdução a uma proposta de *curriculum* do Curso Superior de Farmácia que, em virtude da qualidade e da pertinência, a Associação dos Farmacêuticos resolveu editar. A reforma proposta pelo Dr. António Augusto Louro não se limitava à actualização das matérias, se não que era uma profunda reforma pedagógica e administrativa que visava uma revolução na formação dos farmacêuticos portugueses.

Não se quedavam por aqui as preocupações cívico-pedagógicas do Dr. António Augusto Louro. Já então, ele entendia, o analfabetismo como uma gravíssima chaga social. Essa convicção havia de levá-lo até ao fim da vida a um combate sem tréguas pela educação popular, seja pela intervenção ensaística, seja pelas intervenções práticas.

Esse mesmo ano de 1901 viu sair do prelo uma *Ortografia Portuguesa Sónica*. Ainda nesse ano escreveu uma *Cartilha Nacional* e a 1ª parte de uma *Gramática e Fonologia Portuguesa*, obras que submeteu à apreciação do Conselho Superior de Instrução Pública.

Ao mesmo tempo que desenvolvia estas actividades, era um defensor do associativismo local e da função sociocultural das colectividades. Não admira que tenha sido ele a dinamizar o Grupo Dramático Instrução e Recreio Timbre Seixalense que deu por esses tempos inúmeras récitas, dinamizando o interesse cultural das gentes do concelho.

Outra frente de combate que se ajustava ao seu carácter e correspondia aos seus interesses literários e políticos foi o jornalismo.

Com efeito, a par de colaborar nos jornais de âmbito nacional - *O Século* e *O Mundo* - António Augusto Louro está ligado ao surgimento da imprensa seixalense. O primeiro título - *O Sul do Tejo* - publicou-se no Seixal no dealbar do século (19 de Outubro de 1901). Colaborador desde o início, António Augusto Louro tornou-se depois director desta «*Folha Independente, Agrícola, Comercial, Literária e Noticiosa.*»

Terminada a experiência do *Sul do Tejo*, António Augusto Louro não perdeu tempo e, dois meses transcorridos, funda e dirige *O Seixalense* - semanário político, literário e noticioso que viu a luz em Agosto de 1902.

Uma outra modificação se operou na vida do Dr. António Augusto Louro nesta primeira década do século XX em que, inteiramente permaneceu no Seixal. Trata-se da actividade política. De facto, António Augusto Louro começou por militar no Partido Regenerador. A pouco e pouco foi-se afastando do ideário monárquico. Provavelmente, foi a ditadura de João Franco a gota de água que fez transbordar o copo e, a partir de então, António Augusto Louro, a par de uma intensíssima actividade maçónica devota-se por inteiro à implantação dos ideais republicanos.

Consumada a adesão ao Partido Republicano Português, o Dr. António Augusto Louro funda o Centro Republicano do Seixal em 1907, cuja actividade muito contribuiu para a disseminação dos ideais da República, e para a rápida aceitação do novo regime em 1910. É igualmente conhecida a sua ligação à Carbonária,

associação secreta a que se deve a proclamação do novo regime.

Mas a actividade política entendia-a António Augusto Louro como um serviço e uma manifestação de cultura. Tal atitude e a constatação do atraso cultural em que então se encontravam as classes laboriosas do concelho, levaram-no a criar nas instalações do jornal que dirigiu, a primeira escola gratuita de educação de adultos do Seixal (ao mesmo tempo que pacientemente elaborava os manuais, as antologias de textos, os vocabulários, as fichas de exercícios). Tratou-se da "Escola Moderna" que, nas suas palavras ministrava "aulas nocturnas de instrução primária para adultos e para todos os que durante o dia se acham presos às oficinas". Isto num concelho onde nos anteriores 50 anos nenhum aluno unha concluído a instrução primária!...

O mesmo espírito de intervenção cívica e de militância pedagógica fá-lo criar mais tarde o Centro Escolar Republicano do Seixal, destinado a suprir a falta de instrução do operariado crescente na zona.

Não se esgota aqui o interesse do Dr. António Augusto Louro pelo ensino.

Mais tarde, já em Alcanena e em plena República, foi ele o grande impulsionador das Escolas Móveis pelo método João de Deus, obra admirável da República que a falta de recursos obrigou a ser efémera.

Em vista das dificuldades de aprendizagem, sobretudo nos adultos iletrados, António Augusto Louro pensou sempre que a simplificação e a clarificação das normas ortográficas seriam um poderoso auxiliar. A acrescentar às obras que já publicara sobre a matéria, fez editar em 1943 uma *Simplificação Ortográfica* - método de aprender a ler tal qual se fala, ao mesmo tempo que continuava a escrever cartilhas e outros

auxiliares de aprendizagem para aqueles que queriam aprender a ler. Já perto do fim da vida ainda teve tempo de preparar uma extensa e bem fundamentada comunicação sobre o combate ao analfabetismo que apresentou a um congresso regionalista.

Não cabe aqui fazer uma análise aprofundada das ideias pedagógicas do Dr. António Augusto Louro. Mas cremos que, se cotejada com o pensamento e as práticas de alguns pedagogos contemporâneos no domínio da alfabetização, havíamos de constatar com surpresa que Dr. António Augusto Louro foi um precursor.

Há ainda dois aspectos que gostaríamos de associar à acção cívico-pedagógica do nosso patrono. Em primeiro lugar, a realização da "Festa da Arvore" que hoje se comemora em todas as escolas do país. Com efeito, foi a uma comissão presidida pelo Dr. António Augusto Louro que se ficou a dever a promoção da primeira "Festa da Árvore" realizada em Portugal. Esta celebração da Natureza e a educação ambiental que ela comporta, realizou-se pela primeira vez, na vila do Seixal, em Maio de 1907. Nesse dia as crianças das escolas procederam à plantação simbólica de árvores numa praça do Seixal¹⁴.

A época o estado da Educação em Portugal não permitiu que se tornasse tradição a "Festa da Arvore", mas o Dr. António Augusto Louro não desistiu. Anos mais tarde, já residente no Ribatejo, reeditou, com as crianças em idade escolar, a celebração da Natureza

¹⁴ Veja-se a este propósito o interessante trabalho de M. Antónia Pereira e Lara Almeida inserto neste volume que, a par de um completo historial, repõe a verdade histórica sobre os acontecimentos e os locais em que teve lugar a primeira "Festa da Arvore", graças a uma exemplar investigação no âmbito da história local mas de alcance bastante mais vasto.

através da plantação de árvores na vila de Torres Novas em 1911.

O segundo aspecto está igualmente relacionado com o culto da Natureza. Referimo-nos à publicação em 1926 do livro *Uma Excursão à Serra de Aire*. A leitura do voluminho é exemplar do culto do autor pelos bens naturais e do seu valor educativo. Mas, não se esgota aqui o seu interesse. Com efeito, é-nos dado apreciar a grandeza moral do autor quando manifesta o profundo respeito pela pessoa humana e regista a dor que lhe causa a miséria. Não só a miséria material, mas a miséria moral e, encontrando nos vilarejos e nos caminhos da Serra.

Longe do Seixal

Militante republicano desde os primeiros anos do século, como referimos, António Augusto Louro foi, nos últimos tempos da Monarquia, um incansável propagandista das ideias da República. Após a fundação do Centro Republicano do Seixal e a partir dele, promove inúmeros comícios e festas republicanas antes de 1910.

Pela sua mão, e dado o prestígio de que gozava no seio do PRP, a população do Seixal pôde ouvir e conviver com os principais obreiros da República: Manuel de Arriaga, António José de Almeida, Miguel Bombarda, Brito Camacho, Eusébio Leão, entre muitos outros. Ainda por sua interferência o Dr. Afonso Costa defendeu em tribunal o republicano seixalense Joaquim dos Santos Boga acusado de "dar vivas à República".

A mobilidade da sua vida profissional e as exigências da política republicana afastaram António Augusto Louro do Seixal.

Em Alcanena, onde tinha agora a sua farmácia e para onde se mudou pouco depois da implantação da

República, continuou a desenvolver a sua actividade profissional, mas sobretudo, continuou a exercer o seu magistério político, cívico, cultural e pedagógico.

Logo em 1911 é eleito administrador do Concelho de Torres Novas, ao mesmo tempo que dirige os destinos do Partido Republicano e do Centro Republicano Alberto Xavier. Por via dessas responsabilidades é delegado ao Congresso Republicano onde se ocupa, uma vez mais, da Educação e da Cultura, a par da acção política. Dois anos transcorridos encontram-lo administrador do Concelho de Coruche. Em 1914 é, novamente, representante no Congresso republicano que se reúne na Figueira da Foz e onde apresenta uma tese sobre instrução pública que mereceu os mais rasgados elogios da imprensa da época.

Em 1918 lidera o movimento pela criação do concelho de Alcanena (até aí anexado a Torres Novas). No ano seguinte é nomeado administrador do novel concelho e cria os Bombeiros Voluntários da vila e a Associação de Beneficência e Instrução Autónoma de Alcanena.

A par de criar de novo órgãos de imprensa regional o Dr. António Augusto Louro foi ainda nomeado, em 1922, Conservador do Registo Civil de Alcanena, cargo que desempenhou até ao final dos seus dias.

António Augusto Louro era daquela têmpera de "antes quebrar que torcer". Eis por que nunca abandonou os seus combates até ao final da vida. Falamos de duas facetas que ele não separava: a instrução e a intervenção política que ambos serviam apenas para a libertação e a dignificação dos homens.

Até ao fim continuou o combate político, agora contra a ditadura do Estado Novo. Participou activamente nas actividades do Movimento de Unidade

Democrática (MUD) e na Campanha do General Norton de Matos, já no ano da sua morte¹⁵.

Da instrução, como já vimos, continuou igualmente a ocupar-se até ao fim, já que ele acreditou sempre que o respeito pelo seu semelhante e a transformação das mentalidades é que permitiriam ao homem atingir a sua plena realização. Em 1 de Agosto de 1949 morria em Alcanena o Dr. António Augusto Louro.

Final

A figura e a obra do Dr. António Augusto Louro farmacêutico, polígrafo, jornalista professor do ensino livre, autarca e funcionário superior, mas, sobretudo, homem de acção, militante político, modelo de virtudes cívicas, animador cultural e pedagogo, bem merecem, pois, ser apontadas como exemplo aos jovens dos nossos dias e, por isso, ser patrono da nossa Escola.

E que nós não queremos apenas que os nossos alunos conheçam os valores da Liberdade, da Cidadania e da Democracia. O que nós queremos é que os cidadãos livres, os democratas intervenientes e com espírito crítico de amanhã, os agentes da mudança, os garantes do nosso futuro comum, sejam os nossos alunos.

O que nós queremos é que floresçam nesta Escola muitos António Augusto Louro.

António Augusto Louro, Pedagogo e Cidadão

Farmacêutico, político republicano, destacado mação, publicista e pedagogo, filho de António Correia Louro e de Maria José Correia Louro, formou-se em Far-

¹⁵ No seu espólio encontramos ainda inúmera documentação que atesta estas actividades políticas, bem como alguns jornais de oposição que assinava ou recebia.

mácia pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 1892. Nos anos imediatos exerceu a profissão no concelho do Seixal e em Barrancos (1893-97). Nesta vila alentejana iniciou igualmente a carreira político-administrativa tendo sido escrivão da Junta de Freguesia.

Inicialmente regenerador, tornou-se fervoroso propagandista da República durante a ditadura de João Franco, ao mesmo tempo que é iniciado no Grande Oriente Lusitano. A adesão ao ideário republicano não foi apenas uma questão teórica, senão que transformou António Augusto Louro num activo conspirador carbonário que muito contribuiu para o triunfo da República no Seixal e, depois de 1910, no Ribatejo, para onde se transferiu.

António Augusto Louro pertenceu àquela geração de portugueses para quem a vida, por mais facetas que tomasse, tinha uma só finalidade: a libertação do homem. Sendo que o instrumento dessa libertação havia de ser a instrução.

Com efeito, a sua militância, fosse na área cultural ou cívica ou na esfera política, teve sempre um único sentido: a pedagogia que havia, pela educação, de libertar o homem, os homens todos.

Curiosamente, a acção pedagógica de António Augusto Louro começa pelo topo, isto é pelo ensino superior. Com efeito, logo após 10 anos de formatura e de prática de profissão, o Dr. Louro apercebeu-se das deficiências da formação em Farmácia no nosso país.

Por isso, nesse mesmo ano de 1901 apresenta na sessão Magna de Associação de Farmacêuticas de Portugal um estudo sobre o Ensino da Farmácia nas Escolas Superiores Portuguesas. Tal ensaio haveria de servir de introdução a um trabalho sobre a reforma do Ensino Farmacêutico que visava não apenas aspectos curriculares e organizacionais, mas uma completa

reestruturação pedagógico - administrativa do Curso Superior em questão.

Dado o impacto que teve o trabalho e a premência do assunto a Associação de Farmacêuticos decidiu editar a proposta de António Augusto Louro. Mas esse mesmo ano de 1901 foi um ano marcante na actividade pedagógica de António Augusto Louro.

Ignoramos desde quando a instrução e, nomeadamente, o combate ao analfabetismo eram uma preocupação do Dr. Louro. Mas no primeiro ano do nosso século as ideias estavam já suficientemente sedimentadas.

Para António Augusto Louro o analfabetismo era uma chaga social que atingia atrozmente os mais desprotegidos. Ele mesmo o afirmou por várias vezes que, sem liberdade não há dignidade e sem instrução não há liberdade. Ademais, no dia, a dia, contactava o Dr. Louro com o crescente número de trabalhadores da indústria nascente no Seixal que não tinham qualquer instrução.

Deitou, pois, mãos à obra. Primeiro lançou as bases teóricas a que uma análise, mesmo superficial, reconhece a pertinência. Logo de seguida passou das ideias à prática. Ou seja, para que os iletrados aprendessem a ler eram necessários instrumentos didácticos. Havia que produzi-los. Uma das dificuldades de aprendizagem de leitura e de escrita era a imensa "selva" ortográfica que constituía, então, a língua portuguesa.

António Augusto Louro publicou no mesmo ano uma *Ortografia Portuguesa Sónica* e uma *Phonologia Portuguesa* que são as bases de uma reforma ortográfica que clarificasse e simplificasse a Língua. E permitisse aprendê-la facilmente. Em simultâneo, começa a preparar *Cartilhas*, *Vocabulários* e *Antologias*

de textos que se destinavam a alunos dos cursos nocturnos.

Todas essas obras as submetem à apreciação do Conselho Superior de Instrução Pública. Este esforço pela criação de condições favoráveis à aprendizagem das primeiras letras pelos cidadãos não haveria de abandoná-lo até ao fim da vida. Poucos anos antes da sua morte ainda havia de preocupar-se de novo com a reforma e a clarificação da ortografia. De facto, em 1943, a Imprensa Beleza de Lisboa deu à estampa da sua autoria uma *Simplificação Ortográfica Portuguesa*. Discutia-se então o Acordo Ortográfica com a República Federativa do Brasil que, como sabemos, resultou no afastamento das ortografias dos dois países irmãos.

Todavia, como deixámos dito, o combate ao analfabetismo não era apenas uma questão teórica. Tratava-se de levá-lo à prática. Não tardou, pois, que António Louro instalasse nas dependências do Jornal *O Seixalense* que fundou e dirigiu, uma escola para adultos que funcionava em regime pós-laboral já que, nas suas palavras, se destinava a ministrar "aulas nocturnas de instrução primária para adultos e para todos os que durante o dia se acham presos às oficinas". A par de ser o mestre, António Augusto Louro era ainda o autor e criador dos materiais didácticos da "Escola Moderna".

Abundantes referências a esta actividade é possível encontrá-las na referida publicação. Do espólio do farmacéutico-pedagogo pudemos ainda salvar alguns materiais didácticos que, sobre o seu interesse histórico, mantêm uma interessante actualidade pedagógica.

Eis como, nesta fase seixalense de sua vida, teoria e prática estavam ligadas, no pensamento e na acção de António Augusto Louro. E ele mesmo quem afirma que "o muito amor, que temos à instrução e à nossa

Pátria (...) é que nos moveu o desejo de elaborar a presente obra, sem outras pretensões ou recompensas que não sejam a de lhes sermos prestável para o ressurgimento material e moral" (*Phonologia Portuguesa*, página I). Tudo isso era feito, afirmava, porque "é grande o desejo de extinguir o analfabetismo em Portugal" (idem).

E, como atrás sugerimos, um dos segredos estava na normatização segundo um critério lógico da complexa e desregrada ortografia portuguesa daquela época. E, pois, ele próprio que sugere entre outras medidas facilitadoras que " façamos o mesmo à ortografia e dentro em breve não haverá ninguém que encontre dificuldades para aprender a ler e a escrever português" (id. p II)

O magistério cívico e pedagógico de António Augusto Louro não finda na primeira década do século XX. Nos anos subsequentes à República foi dos principais impulsionadores das Escolas Móveis pelo método de João de Deus. São dignos de estudo atento os materiais didáticos e os registos das matérias ministradas por si aos adultos que frequentavam as aulas (e que estão, felizmente, de posse de família). Ali percebemos o alto sentido que para António Augusto Louro tinha a instrução dos cidadãos e o conceito que ele fazia do homem, como ser integral e não compartimentado. Tratava-se de dar "educação" no verdadeiro sentido que nele conhecemos da palavra: alimentar o espírito e o corpo. Só assim se poderia "promover a maior soma de elevação material e moral aos seus conterrâneos" (In *Uma Excursão à Serra D'Aire*, p. 7)

Até ao final da vida o Dr. António Augusto Louro nunca deixou de acreditar que era possível encontrar "o melhor modo de canalizar as gerações vindouras para a

cultura dos cérebros pela instrução e educação racionalista" (id. P. 7).

Foi por isso que nunca abandonou o combate e foi utilizando todas as formas que encontrou ao alcance - fossem os congressos do Partido Republicano em que apresentou várias teses sobre Instrução Pública, fossem os congressos regionalistas. Provavelmente, o seu último escrito e a sua última intervenção pública foram uma tese sobre o combate ao "Analfabetismo" que pronunciou aos 76 anos pouco antes de morrer em Alcanena.

